

Mentes assombradas: alucinação e loucura em personagens de Edgar Allan Poe

Haunted Minds: Hallucination and Madness in Edgar Allan Poe's Characters

LARA PORTILHO PEREIRA

Licenciada em Letras pelo Centro Universitário de Patos de Minas.

E-mail: laraportilho_21@hotmail.com

LUÍS ANDRÉ NEPOMUCENO

Professor da Universidade Federal de Viçosa. Doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP. E-mail: luisandre.nepomuceno@gmail.com

Resumo: A ciência do século XIX registrou grandes avanços nos estudos de fenômenos da mente humana, e Edgar Allan Poe interessou-se pelo assunto, procurando retratar, em seus contos de terror, especialmente os processos alucinatórios e os mistérios sobrenaturais presentes no inconsciente humano. Na sua literatura, empreendeu estudos rigorosos sobre os mais diversos assuntos: doenças mentais, fenômenos neurológicos, ocultismo, entre outros. Além disso, temáticas como alucinação, obsessão com a morte e delírios também estão presentes, revelando que Poe esteve razoavelmente atualizado com os tratados de neurologia e psiquiatria, que ele procurou estudar nos trabalhos de resenhista que desenvolveu em revistas especializadas. Nesta pesquisa, foram feitas análises de contos selecionados de Poe, a partir de um breve estudo sobre a ciência oitocentista, com ênfase nas questões psicológicas e neurológicas.

Palavras-chave: Literatura e Medicina. Romantismo Gótico. Ocultismo. Doenças neurológicas.

ABSTRACT: Nineteenth century sciences registered great advances in the studies of phenomena of the human mind, and Edgar Allan Poe was interested in the theme, trying to portray, in his horror tales, especially the hallucinatory processes and supernatural mysteries present in the human unconscious. In his works, he undertook rigorous studies on the most diverse subjects: mental illnesses, neurological phenomena, occultism, among others. Besides, themes such as hallucination, obsession with death and delusions are also present, revealing that Poe was reasonably up-to-date with the treatises on neurology and psychiatry, which he sought to study in the reviewer works he developed in specialized journals. In this research, analyzes were made of selected short stories by Poe, based on a brief study of nineteenth-century science, with an emphasis on psychological and neurological issues.

Keywords: Literature and Medicine. Gothic romanticism. Occultism. Neurological disorders.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos enigmáticos contos de Edgar Allan Poe, as mais horripilantes consequências dos distúrbios mentais são colocadas frente ao leitor: num deles, um personagem, diante do corpo morto de sua esposa, alucina com seus movimentos e vê as características físicas de sua antiga amada; em outro, um paciente moribundo não consegue efetivamente morrer, porque fora magnetizado pela técnica mesmeriana e agora vê sua alma aprisionada ao magnetizador; em outro, a irmã de um aristocrata decadente, aparentemente morta, é deixada em sua cripta, mas ressurge diante dos presentes por ter sido vítima da catalepsia; em outro ainda, o narrador monomaniaco, diante da amada esposa cataléptica, aparentemente morta, arranca-lhe todos os dentes, num ato de alucinação amnésica, por ter sido atraído obcecadamente pela beleza deles. Em outro conto, por fim, um narrador criminoso tem alucinações sonoras com um barulho insuportavelmente alto, que ele acredita ser as batidas do coração de um homem que ele acabara de assassinar.

Poe, que morreu em 1849, vivia o expoente das primeiras pesquisas científicas sobre os fenômenos da mente. O séc. XIX, em praticamente toda a sua extensão, foi marcado pelo surgimento de um interesse crescente por fenômenos neurológicos e sobrenaturais e pelos mistérios da psique. Robert Darnton (1988) pontua que o Iluminismo na França termina quando começam os primeiros interesses pela ciência oculta de Franz Mesmer, o médico austríaco que, no fim do séc. XVIII, buscou novas formas de tratamento das doenças por meio do magnetismo animal. Nesse sentido, as fronteiras entre o científico e o místico ainda não tinham se tornado tão claras, e ciências como a medicina e a psicologia ainda não haviam consolidado inteiramente as suas fundamentações teóricas.

Nesse contexto, Edgar Allan Poe, contista, ensaísta e poeta norte-americano, tornou-se famoso pelos seus contos de suspense e terror, porém, mais do que um hábil manipulador de clímax de histórias fantásticas e um leitor de “Byron [...], Moore, Shelley, Keats, Coleridge e Wordsworth” (SCHMIDT, 1998, p. 55), o autor mostrou-se um profundo pesquisador da ciência de seu tempo, interessando-se pelos mais diversos temas envolvidos com os chamados mistérios da mente: doenças mentais, distúrbios de comportamento, alucinações, delírios, fenômenos neurológicos (como catalepsia, epilepsia, monomania, compulsão, metempsicose, alucinação com o *doppelgänger*), bem como práticas de ciência oculta, como o mesmerismo, os antecedentes do espiritismo e a suposta aparição dos mortos. Por fim, parece ter lido razoavelmente sobre os avanços médicos de sua época, como a psiquiatria, a neurologia e a frenologia. Todo esse conhecimento é passível de ser rastreado em sua literatura. Carroll Dee Laverty (1951, p. 44), em sua tese sobre as relações de Poe com a ciência de seu tempo, assevera: “Poe was well aware of the state of mental science in his era”.

No século em que viveu Poe, a medicina e a psicologia buscavam registrar a força de seus primeiros passos nas comunidades científicas, numa época em que o Romantismo desafiava a razão e a lógica burguesa, frente a uma sociedade corrompida pelo capitalismo nascente e pelos interesses materiais. Os românticos, conforme a tese de Michel Löwy (LÖWY; SAYRE, 1993, p. 21), buscavam acima de tudo o “reencantamento do mundo pela imaginação”, numa busca do misticismo e da religião

interior, seja pelo refúgio na natureza, pela busca do incógnito e do sobrenatural, seja pela idealização da loucura, ou ainda pela nostalgia e pela morte. E é curioso, e ao mesmo tempo contraditório, que a busca subjetiva do incógnito e do sobrenatural tenha aberto uma imensa porta de interesse por esse universo, que será desvendado pela razão objetiva da ciência, pelos estudos de psiquiatria, medicina e psicologia, os quais sedimentavam corpo teórico naquela promissora primeira metade do séc. XIX. A era do conhecimento psiquiátrico e neurológico oitocentista abria-se com a publicação, justamente em 1801, do *Tratado médico-filosófico sobre a alienação mental ou mania*, de Philippe Pinel, consolidando Paris como o centro dessas investigações.

Sim, a era de Poe tem muito a dizer sobre fenômenos neurológicos e sobrenaturais, tidos à época como matérias identificáveis. O escritor, que era de Boston, mas transitou entre Baltimore, Nova York e Pennsylvania, deve ter tido tempo de ler na imprensa americana as notícias sobre as irmãs Fox, as meninas que, de uma cidadezinha no interior do estado de Nova York, chamaram a atenção de jornalistas, médicos e sobrenaturalistas dos Estados Unidos, da Europa e até da Rússia para estranhos fenômenos que vinham ocorrendo no casarão da família: ruídos, batidas nas portas e paredes, que, aos poucos, foram se transformando em formas inteligíveis de comunicação com espíritos, num apanhado de fatos que praticamente fundaram o moderno conceito de espiritismo, antes que o Prof. Hippolyte Léon Denizard Rivail (conhecido pelo seu pseudônimo de Allan Kardec) o teorizasse em seus futuros livros.

Barbara Weiberg (2011, p. 48 e segs.), que estudou o caso provavelmente fraudulento das meninas Fox, aponta que, nos Estados Unidos e na Europa, uma onda de misticismo e de novos estudos dos fenômenos da mente e das ciências sobrenaturais vinha ganhando corpo com as abordagens de Mesmer, o magnetizador que antecedeu as técnicas de hipnose; de Emanuel Swedenborg, o místico e cientista sueco que, no século anterior, fizera descrições das esferas sobrenaturais, à época em que ciência e mística se confundiam; e de Andrew Jackson Davis, o clarividente nova-iorquino que alegou ter levitado e mantido contato com Galeno e Swederborg no mundo do além. Conclui Weisber (2011, p. 51): “magos do século XIX com boas técnicas de ventriloquismo, prestidigitação e conjuramento costumavam descrever seu trabalho como sendo de natureza científica e analítica, demonstrando sua proficiência no campo da ilusão, da ótica, da acústica, da química, da pneumática e da eletricidade”. A ciência oitocentista evoluía vagarosamente, já que era vista como uma espécie de grande ficção, o que a tornava difícil de ser explicada até mesmo pelos cientistas, já que a religião tinha um espaço importante na vida daquela sociedade que bem aos poucos absorvia a herança do projeto iluminista (DARNTON, 1988).

Poe, para além de suas atividades essencialmente literárias, desdobrou-se em múltiplos para tentar sobreviver à vida de miséria que levou por cidades americanas naquele contexto de grande expansão capitalista. Foi jornalista e editor, o que o levou a tornar-se resenhista de livros e artigos dos mais diversos interesses. Afirma um seu biógrafo: “Poe once described himself as ‘essentially a Magazinish’ and, in certain respects, he did have the sensibility for a journalist. He had an eye for effect, a predilection for novelty, an interest in contemporary crazes such as phrenology and ballooning, and a shrewd notion of the public taste for ‘sensation’” (ACKROYD, 2008, p. 77). Isso revela o quanto o autor se manteve razoavelmente atualizado com o

conhecimento científico e místico de seu tempo, não apenas pelo trabalho de resenhista (de livros e artigos em biologia, medicina, psicologia etc.), mas também, e sobretudo, pelos seus interesses pessoais.

Mas a fama de Poe, tardia, consolidou-lhe o nome daquele que teria inaugurado um gênero de contos de suspense e terror, à maneira psicológica, escrevendo-os à época da expansão romântica, inspirando-se na novelística de Horace Walpole, nos dramas de Lord Byron, na poesia dos ingleses e na literatura dos góticos alemães. Esse estilo literário levou Poe a desenvolver temáticas que mostram a face enigmática e, por vezes, perversa da mente humana. Para isso, escreveu quase sempre em primeira pessoa, o que possibilita certa aproximação incômoda com o leitor, de tal forma que este se sinta emocionalmente envolvido e afetado pela narrativa, o que permite ao escritor ter controle total sobre a narração. Poe envolve-se numa leitura profunda da natureza humana, lidando especialmente com a psique dos insanos, dos maníacos ou daqueles tomados pelas circunstâncias de terror. Para ele, o homem é “um ser-linguagem, signos, mensagem a ser decifrada” (ARAÚJO, 2002, p. 64). Não só sua obsessão pelos mistérios da mente, mas também a sua vida conturbada permitiram-lhe que ele compreendesse o inconsciente humano, parte onde penetra o enigma, a loucura e o instinto da perversidade.

O presente trabalho propõe uma rápida abordagem de alguns contos selecionados de Poe, bem como uma pesquisa sobre a ciência e o ocultismo da primeira metade do séc. XIX. É preciso considerar que os fenômenos neurológicos e paranormais servem de base para trazer explicações racionais, ou supostamente racionais, a fim de compreender os mistérios da mente retratados nos contos selecionados para o desenvolvimento deste artigo. É nas influências góticas, na busca dos mistérios da mente (estudados pela neurologia e pela psicologia daquele tempo) e na atmosfera das utopias românticas ligadas à busca do incógnito e do sobrenatural que a literatura de Edgar pode ser compreendida.

2 UMA LITERATURA DEDICADA AOS MISTÉRIOS DA MENTE

Conforme já se disse, a primeira metade do séc. XIX, cenário histórico de Poe, empreendia os primeiros passos nos estudos neurológicos e psiquiátricos, penetrando no cérebro para conhecer a psique humana, embora a dimensão teórica se sustentasse em observações clínicas muito insipientes, em estudos sobre doenças mentais e alucinações, com certa tendência ao misticismo, à filosofia e aos tratados sobre as sensações escritos nos séculos anteriores.

Um dos temas mais recorrentes e notórios sobre os fenômenos neurológicos foram as alucinações. O biólogo e filósofo suíço Charles Bonnet (1760), em seu Ensaio analítico sobre as faculdades da alma, fizera uma observação intrigante, quando descrevera as queixas de seu avô que, apesar da quase cegueira por conta de uma catarata grave, relatava alucinações visuais complexas, nas quais ele dizia ver pessoas, aves e outros objetos inexistentes com tamanha realidade que se poderia dizer que não eram alucinações. A análise que Bonnet faz desse senhor, a quem ele define como “un Homme respectable, plein de Santé, de candeur, de jugement & de mémoire”, e cujo “Cerveau est un Théâtre dont les Machines exécutent des Scènes” (BONNET, 1760, p.

426 e 428), é a de que se trata de causas psíquicas que agitam fortemente diferentes faixas das fibras sensíveis para representar à alma a imagem de diversos objetos com tamanha vivacidade, como se os próprios objetos se agitassem diante dessas faixas. O avô de Bonnet, “homem pleno de julgamento”, mas cujo cérebro era um teatro de imagens espetaculares, parecia delirar estranhamente com objetos inexistentes, mas não perdia sua consciência diante deles. Bonnet intuiu que, embora alucinasse, seu avô não era louco, e que isso parecia ter razões mais neurológicas (“psíquicas”, para usar um tempo seu) do que propriamente psicológicas. Esses foram os primeiros registros sobre as alucinações.

Ainda hoje a alucinação é um mistério. Oliver Sacks nos ensina que o termo foi usado pela primeira vez no início do século XVI, remetendo a “uma mente divagante”, uma mente que se desliga durante um curto lapso de tempo (SACKS, 2013, p. 9). Jean-Étienne Esquirol, psiquiatra francês da escola de Philippe Pinel, será sempre lembrado por cunhar pela primeira vez o termo alucinação: “l'hallucination est un phénomène cérébral ou psychique, qui s'accomplit indépendamment des sens”, afirmando ainda que a alucinação “persiste quoique le délire ait cessé, et réciproquement” (1838, p. 191). Em outras palavras, para Esquirol, a alucinação acontece mesmo quando não existe delírio, já que o delírio “indica um problema médico, uma consequência de algo que afeta o corpo como um todo, inclusive o cérebro” (SACKS, 2013, p. 166), e a alucinação trata da “perception des signes sensibles de l'idée”, nas palavras de outro médico da época (BOISMONT, 1852, p. 26). Conforme o Dictionary of Hallucinations, a alucinação pode ser compreendida como uma “percept, experienced by a waking individual, in the absence of an appropriate stimulus from the extracorporeal world” (BLOM, 2010, p. 219). A alucinação é uma percepção criada pelo cérebro, conforme Bonnet já intuía, e não tem contrapartida nos elementos que compõem a realidade que se apresenta aos sentidos. Mas ela ocorre também por outros fatores como as drogas, as doenças mentais, os fenômenos neurológicos e o medo.

Edgar Allan Poe, em seus contos, retratou isso de forma perceptiva, mostrando que tinha conhecimentos suficientes para inserir em sua obra as teses neurológicas e psiquiátricas que ele por certo conheceu. Uma das motivações externas mais conhecidas por causar alucinações, para além das fabulações próprias do cérebro, são, sem dúvida, as drogas, incluindo as bebidas alcoólicas. No conto *O gato preto*, que Poe publicou no Saturday Evening Post em 1843, o narrador relata que, sem motivo compreensível, enfureceu-se com seu gato de estimação, arrancando-lhe cruelmente um dos olhos, em confissão de que naquela noite estava “bastante embriagado”, com “uma maldade mais do que satânica, saturada de álcool” (POE, 2001, p. 294). Dependente ele mesmo do álcool, Poe conheceu de perto as alucinações provocadas por essa droga, e embora um de seus biógrafos lhe tenha recusado o rótulo de alcoólatra, ele relata que o escritor bebeu pesadamente a vida toda e morreu em circunstâncias estranhas, achado na rua, “unconscious of his condition” (ACKROYD, 2008, p. 3; veja-se também SCHMIDT, 1998, p. 17-20).

O gato preto é um conto horripilante e violento, em que as mais diversas manifestações de estados psíquicos são registradas (delírio, estado maníaco, excitação, entorpecimento, violência gratuita, pareidolia), muitas delas tomadas pelas alucinações, estranhamente vindas de um personagem que, dizendo-se dotado de uma “ternura de

coração”, apesar das atitudes extremamente violentas, é capaz de estabelecer uma conexão lúcida com o mundo real: “louco não sou e com toda a certeza não estou sonhando” (POE, 2001, p. 293). A exemplo de *O coração denunciador*, *O gato preto* é uma narrativa sobre a psicologia da culpa de um personagem que, passado o estágio de alucinação, é capaz de pensar com lucidez nas suas atitudes: o narrador, tomado por um estranho sentimento de ódio a Pluto, o gato de estimação, é levado às ações mais duramente brutais, chegando a matar sua esposa e o gato supostamente diabólico, num acesso de cólera movida pelo álcool. Sobre a matéria, Esquirol já havia apontado que “des hallucinations, des illusions des sens, la perversion des affections morales qui bouleversent la raison, rendent furieux”, e que essa fúria “est causée par l’usage, ou mieux par l’abus de plusieurs substances introduites dans l’estomac; le vin, les liqueurs alcooliques, l’opium, etc.” (1838, p. 227). Jules Baillarger (1846, p. 353), neurologista e psiquiatra francês, em seu tratado *Des hallucinations, des causes qui les produisent et des maladies qu’elles caractérisent*, de 1842, chegava a identificar as alucinações causadas por álcool, haxixe e ópio, a partir de impressões e sensações externas, com os delírios de pacientes alienados e hipocondríacos, o que pode, então, explicar as atitudes absurdas do narrador em *O gato preto*, causadas pela loucura advinda do nervosismo e pela fúria banhada de bebida alcóolica.

As contradições flagrantes entre a docilidade e a fúria irracional do narrador de *O gato preto* levam o leitor a não confiar na veracidade de suas palavras, porque o personagem terá sido tomado por alucinações que lhe sequestraram a consciência. O fato de reconhecer no segundo gato, todo ele semelhante a Pluto, a possível imagem de uma força parece sugerir outra possibilidade de visão alucinatória, por se tratar de “gradações quase imperceptíveis” que a razão do narrador “forcejou para rejeitar como imaginárias” (POE, 2001, p. 298). Enxergar a imagem de uma força na marca de pelo branco no segundo gato leva a uma sugestão de pareidolia, ou hallucinotic eidolia, conforme o *Dictionary of Hallucinations*, definida como uma “hallucination-like image” (BLOM, 2010, p. 229), o delírio passageiro, não patológico, com uma imagem que o cérebro formula e interpreta conforme seu universo de referências. É o delírio de uma personalidade paranoide, disposta a ver em tudo as supostas perseguições satânicas do gato: “He feels that the cat Pluto and his successor are somehow persecuting him. He attaches importance to casual happenings and interprets them in the light of his delusion” (LAVERTY, 1951, p. 83).

Poe frequentemente fez questão de caracterizar seus personagens narradores como indivíduos propensos à imaginação, à paixão dos sentidos e, de certa forma, à própria alucinação. Egeu, o narrador de *Berenice*, por exemplo, admite que sua estirpe “tem sido chamada uma raça de visionários (POE, 2001, p. 191); William Wilson, no conto de mesmo nome, revela que descende “de uma raça que se assinalou, em todos os tempos, pelo seu temperamento imaginativo e facilmente excitável” (idem, p. 258); o enigmático e paranoico narrador de *O coração denunciador* confessa que tem sido “nervoso, muito nervoso, terrivelmente nervoso”; e mesmo o dócil narrador de *Eleonora* também admite que provém “de uma raça notável pelo vigor da imaginação e pelo ardor da paixão” (idem, p. 274). Em outros termos, Poe elaborou personagens narradores caracterizados por um estado permanente de excitação sensorial, ou mesmo de alucinação, com uma espécie de disposição alucinatória, um *état hallucinatoire*, termo

que, segundo o *Dictionary of Hallucinations*, caracteriza um estado de consciência do indivíduo sempre propenso à alucinação (BLOM, 2010, p. 225). Essa simples caracterização nos leva a compreender a literatura de Poe por uma estrutura narrativa mais complexa do que a dos romances góticos, cujos fenômenos sobrenaturais e aparições de fantasmas fechavam a perspectiva diegética não na consciência atormentada dos personagens, mas na evidenciação do próprio universo sobrenatural. Poe torna-se um psicólogo, um investigador da psique humana diante do medo, não um simples expositor de fenômenos sobrenaturais aterrorizantes.

Não bastassem os estados permanentes de excitação sensorial, os narradores poeanos, personalidades irritadiças e por vezes psicóticas, envolvem-se com motivações sensoriais exteriores, como o álcool e o ópio. O conto *Ligeia* nos traz um bom exemplo: numa noite em que o narrador-personagem mantinha certo diálogo com sua segunda esposa, Lady Rowena, sobre os sons perturbadores que ela ouvia, ele tem repentinamente a sensação de que algo havia passado pela atmosfera, enquanto ele vê ali uma sombra e confessa que “estava desvairado pela excitação de uma dose imoderada de ópio”, por isso ele considerou aquelas “coisas como nada” (POE, 2001, p. 240). É o narrador mesmo que admite seu estado alucinatório como decorrência das substâncias entorpecentes de que ele fizera uso.

Mas Poe, leitor de livros e revistas médicas, também buscou compreender as doenças neurológicas por trás das manifestações alucinatórias, especialmente a catalepsia e a epilepsia, que frequentemente assaltam a beleza de suas jovens heroínas. A catalepsia fora descrita àquela época como um estado em que o indivíduo se encontra completamente estático, sendo incapaz de mover sequer os membros. Escritores românticos criaram muita mistificação em torno dessa condição neurológica: Alexandre Dumas a descreve em *O conde de Monte Cristo*, e no Brasil, Álvares de Azevedo a insere num de seus contos em *Noite na taverna*.

Brierre de Boismont, outro dos psiquiatras franceses posteriores à geração de Philippe Pinel, publicou em 1845, com uma segunda edição revista e aumentada em 1852, o seu importante *Des hallucinations, ou Histoire raisonnée des apparitions, des visions des songes, de l'extase du magnétisme et du somnambulisme*, em que propunha uma relação muito detalhada entre as alucinações e as doenças nervosas, citando a catalepsia e a epilepsia. Segundo ele, estudos apontavam que, durante uma crise, alguns doentes têm sonhos e visões com objetos que os afetam durante o curso de suas vidas. Boismont assegura que “la difficulté de l'existence des hallucinations dans la catalepsie repose sur les changements des facultés intellectuelles dans ce singulier état”, já que geralmente “elles [facultés intellectuelles] éprouvent une suspension plus ou moins complète”. O psiquiatra francês afirma ainda que a catalepsia pode ser seguida de acesso de histeria, monomania e sonambulismo (1852, p. 207), chegando a mencionar uma espécie de extase cataleptique (1852, p. 207), um estado de inconsciência alucinatória provocada pelo torpor absoluto do corpo, termo que Louis-Rufin Szafkowski repetiu em suas *Recherches sur les hallucinations au point de vue de la psychologie, de l'histoire et de la médecine légale*, de 1849 (p. 151). Laverty (1951, p. 81) lembra que essa condição neurológica, pelo menos na avaliação dos médicos oitocentistas, estava relacionada a estados de histeria, sobretudo em mulheres: “it was considered to be a kind of hysteria or at least closely akin to nervous hysteria; sometimes it was associated with insanity”.

No conto *O enterro prematuro*, que Poe publicou no *The Philadelphia Dollar Newspaper* em 1844, o narrador sofre de catalepsia e explica que a doença tem diversos graus, podendo durar um único dia, mas também meses (fantasia que não corresponde à crença científica da época). Ainda esclarece que há uma perda tanto da sensibilidade quanto dos movimentos, e que a pulsação, no entanto, pode ser percebida, mesmo que levemente (POE, 2001, p. 328). *O enterro prematuro* é um conto que, a despeito de sua roupagem literária, parece o exercício de ostentação de conhecimentos médicos da parte do autor, e poderia compor o quadro de registros de um tratado de medicina.

Poe teve predileção por mulheres acometidas por catalepsia e epilepsia. A etérea Lady Madeline, de *A queda do solar de Usher* (conto publicado pela primeira vez em 1839, na *Burton's Gentleman's Magazine*), é igualmente cataléptica. O narrador descreve os sintomas como “uma apatia fixa, um esgotamento gradual de sua pessoa e crises frequentes, embora transitórias, de caráter parcialmente cataléptico” (POE, 2001, p. 249). A morte de Madeline foi causada pela doença que a consumiu durante boa parte da vida. Há mistérios demais envolvendo esse conto: um narrador não identificado visita seu amigo de infância, o sr. Roderick Usher, doente e fragilizado, vivendo lugubrememente com a irmã num casarão da família. Os enigmas da casa vão surgindo aos poucos, à medida que o narrador nos sugere a perpetuação de uma maldição familiar e uma possível relação incestuosa entre os irmãos. A morte aparente de Madeline, explicada pela catalepsia, parece servir como pretexto para representar simbolicamente a tentativa de Roderick de esconder os dramas e a fatal herança de família. Nos contos de Poe, os mortos nunca estão inteiramente mortos, e a catalepsia de Madeline é a tentativa de jogar aos porões do inconsciente a maldição trágica de uma família ancestral.

A epilepsia também faz suas eventuais aparições nas histórias de Poe. *Berenice*, conto que ele publicou em 1835 no *Southern Literary Messenger*, parece ser, conforme Laverty (1951, p. 263), a primeira história a fazer a descrição de uma jovem em transe epilético. Conhecida como doença dos deuses, justamente pelo transe religioso em que se acreditava estarem os acometidos por essa doença, a epilepsia foi amplamente descrita no séc. XIX. Esquirol assim a definiu: “L'épilepsie éclate ordinairement par un cri, le malade tombe, les convulsions se manifestent, mais avec des nuances infinies entre le plus léger mouvement convulsif et les convulsions les plus violentes et les plus effrayantes; il y a suspension complète de la sensibilité” (1838, p. 274-275). Szafkowski, que categorizou a doença como pertencente às alucinações complexas, afirmou que os ataques epiléticos eram, na maioria das vezes, acompanhados de alucinações (1849, p. 149). Boismont (1852, p. 210) aprofundou-se mais no conceito, detalhando que a alucinação ocorre antes da queda epilética e que os paroxismos são frequentemente acompanhados de espectros e fantasmas (idem, p. 210). Henry Samuel Dickson, o poeta e médico de Charleston cuja obra Poe admirava, descreveu um dos estágios da epilepsia, em seus *Essays on pathology and therapeutics being the substance of the course of lectures* (1845), como uma espécie de “êxtase religioso”, no qual “some fall suddenly, and lie as if comatose for many hours; others are violently excited previously to the supervention of convulsions; some retain a portion greater or less of rationality and consciousness, while others lose at once apparently all sensibility” (1845, vol. II, p. 452).

A diáfana Berenice, no conto que leva seu nome, sofria com crises epiléticas que, segundo o narrador, muitas vezes transformava-se em catalepsia. A doença deixou-lhe

afetados tanto o aspecto físico quanto o quadro de comições. O conto expõe elementos que evidenciam as patologias médicas conhecidas de Poe: a epilepsia, a catalepsia e as alucinações decorrentes da monomania. O narrador Egeu encanta-se com a beleza saudável de Berenice que, a partir de certo momento, padece de estranha doença, acompanhada de crises epiléticas, até alcançar um surto cataléptico, que a deixa em estado de morta. Egeu apaixona-se pelos dentes de sua amada, e depois da morte aparente dela, é tomado de uma crise alucinatória que o faz violar o túmulo da amada cataléptica e arrancar-lhe todos os dentes. O desfecho é assustador.

Os estados alucinatórios neste conto ampliam-se para as mais diversas interpretações: se, por um lado, Berenice sofre crises alucinatórias motivadas pela epilepsia, a *hallucinatory epilepsy* (lembre-se que Boismont remetia as crises epiléticas a alucinações com fantasmas e espectros), por outro, é o próprio Egeu, esse homem de uma “raça de visionários” quem vai ser tomado por um surto de alucinação capaz de lhe solapar por inteiro a consciência. Peter Wolf (2000, p. 286), em estudo sobre a presença da epilepsia e da catalepsia na literatura anglo-americana do séc. XIX, aponta duas questões importantes neste conto: primeiro, que as duas doenças não estavam claramente distintas na comunidade científica daquele século; e segundo, que Poe dera o diagnóstico de epilepsia para a morte aparente de Berenice de forma equivocada e cientificamente improvável, e que, em outros contos, como *A casa do solar de Usher* e *O enterro prematuro*, o diagnóstico de epilepsia vinha substituído pelo de catalepsia, mais apropriado às narrativas. Sinal de que o autor vinha estudando a matéria.

Egeu, o narrador de *Berenice*, admite, por sua vez, sofrer de uma espécie de monomania (doença que limita o indivíduo a uma ideia obsessiva), ao mesmo tempo em que é acometido de uma irritabilidade doentia, que dificultava sua concentração, embora sua obsessão estivesse fixada nos dentes brancos e brilhantes de sua prima, o que fez com que seu pensamento fosse tão somente possuí-los. É o que Szafkowski chamaria de *monomanie sensoriale* (1849, p. 174). Já Esquirol, abordando questões sobre loucura e classificando suas variedades, assinalava a monomania como um transtorno importante, assim definido: “le délire est borné à un seul objet ou à un petit nombre d’objets avec excitation et prédominance d’une passion gaie et expansive” (1838, p. 22). Trata-se de uma obsessão por determinado objeto ou ideia, mas que, na verdade, é apenas um delírio parcial em que há falsas percepções.

Benjamin Rush, reconhecido médico norte-americano, cuja obra Poe muito possivelmente deve ter lido, afirma no seu *Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind*, escrito em 1791 e publicado em 1819, que o mais alto grau de monomania é a amenomania, que se sobrepunha à tristeza hipocondríaca. Ela estaria impregnada na tristeza dos alquimistas, nos buscadores do moto perpétuo, nos astrônomos, nos metafísicos, nos políticos, nos cavaleiros errantes e nos viajantes (RUSH, 1835, p. 135). É o perfeito retrato de Egeu, o hipocondríaco incurável tomado de tristeza e delírio.

A monomania, agora na concretização de sentimentos violentos, está também em *O coração denunciador*, publicado no *The Pioneer* em 1843 (já aqui mencionado), conto em cuja introdução o narrador relata uma contradição estranha de sentimentos que transita entre o fascínio e a repulsa pelos olhos de um velho, um dos quais “parecia o olho de um abutre... um olho de cor azul-pálido, que sofria de catarata” (POE, 2001, p.

288). No decorrer da narrativa, entretanto, descobre-se que o narrador era obcecado pelas batidas do coração do velho, a ponto de, após matá-lo, ainda escutar-lhe os batimentos, mesmo depois da chegada dos policiais que não ouviam o som que enlouquecia o narrador. Em síntese: monomania alucinatória.

Outro fenômeno abordado por Edgar Allan Poe é a alucinação com o *doppelgänger*. É memorável a abordagem que o autor faz do duplo em seu conto *William Wilson*, que saiu inicialmente no *Burton's Gentleman's Magazine* em 1839. Na história, o narrador-personagem, perverso e fraudulento, confessadamente “o mais abandonado de todos os proscritos” (POE, 2001, p. 258), conhece desde criança, na escola interna onde estuda, um jovem cujo nome é o mesmo que o seu, com a mesma idade sua e nascido no mesmo dia. A única diferença entre os dois é que o duplo apresentava certa fragilidade na voz. Ao longo da história, o *doppelgänger* persegue o seu eu irritadiço e perverso, tentando trazê-lo à consciência da virtude, até que este mata o duplo, para descobrir que acabou matando a si próprio. Ao morrer, o duplo prediz: “Em mim tu vivias... e, na minha morte, vê por esta imagem, que é a tua própria imagem, quão completamente assassinaste a ti mesmo!” (POE, 2001, p. 274). A revelação da voz do duplo ao final do conto evidencia a consciência culpada e perturbadora do narrador.

Se *William Wilson* é uma história sobre a consciência virtuosa que acompanha os caminhos tortuosos de um ego vil e degradante (a virtude tem uma voz sempre mais frágil e débil do que o vício), Poe vai além das interpretações meramente moralizantes e busca compreender o fenômeno de um ponto de vista quase neurológico, aprofundando-se no jogo alucinatório do narrador e nas relações conflituosas entre o eu e o outro que o espelha. Segundo Oliver Sacks (2013), existem dois tipos principais de alucinação com o *doppelgänger*: alucinação com o duplo autoscópico e com o duplo heautoscópico. O primeiro é “com a imagem da pessoa no espelho: a direita é transposta para a esquerda, e vice-versa, e as posições e ações são simétricas e com os lados invertidos”. Trata-se de um “fenômeno puramente visual, sem identidade ou intencionalidade próprias” (SACKS, 2013, p. 236-237). O segundo tipo, definido como heautoscopia, é

uma forma extremamente rara de autoscopia na qual existe interação entre a pessoa e seu duplo; a interação é ocasionalmente amigável, porém o mais frequente é ser hostil. Além disso, o paciente pode sentir-se profundamente em dúvida quanto a quem é o “original” e quem é o “duplo”, pois a consciência e a noção do eu tendem a mudar de um para o outro. A pessoa pode ver o mundo primeiro com seus próprios olhos, depois através dos olhos do duplo, e isso pode levar à ideia de que o duplo é a pessoa real. O duplo não é construído como algo que espelha passivamente a postura e as ações do paciente, como no caso da autoscopia; o duplo heautoscópico pode, dentro de limites, fazer o que bem entender (ou ficar quieto e não fazer absolutamente nada). (SACKS, 2013, p. 239)

Nesse caso, a pessoa e o duplo são ativos, podendo interagir em algum momento. O fenômeno do *doppelgänger* em ambas as condições deve ser tratado com cautela, uma vez que a visão de um outro eu pode ser sintoma de alguma doença, como

encefalite ou esquizofrenia. Na cena final de *William Wilson*, quando o narrador mata cruelmente o seu duplo, ele tem a estranha sensação de estar subitamente na frente de um espelho que era, em verdade, a imagem de seu duplo, a qual, por um momento de alucinação do narrador, pareceu ter refletido sua própria imagem. Para além de uma exposição sobre as especificidades da psique humana, dividida entre os vícios e o chamado das virtudes, Poe ainda expõe esse drama a partir da complexa composição de uma alucinação reduplicativa, ou *reduplicative hallucination*, como nos ensina o *Dictionary of Hallucinations*: “It is used as an umbrella term for hallucinations depicting a mirror image or reduplication of oneself, as is the case in autoscopy, heautoscopy, out-of-body experience (OBE), doppelgänger phenomena, and specular hallucinations”. Tomado pelo pavor (“no auge do terror”, como diz o William Wilson do conto), o personagem alucina porque é tomado pelo medo.

Nos contos de Poe, muitos dos processos alucinatórios podem ocorrer por influência constante do medo, uma vez que o cérebro se encontra tomado pela irracionalidade, pelo pavor e pelos acontecimentos que o indivíduo teme. Baillarger já havia observado que o medo é o sentimento mais apto a provocar alucinações. O indivíduo tenta esquecer as ideias que passam por sua mente, mas as emoções provocadas tornam-se cada vez mais fortes, até que ele se deixe tomar pelo pavor. O autor afirma que “les images effrayantes se present en foule dans notre esprit [...], nous perdons la conscience de ce qui nous entoure, et nous sommes hors de nous, etc”. Dessa forma, “l’exercice de la mémoire et de l’imagination est devenu tout-à-fait involontaire, l’action des sens est suspendue, et les hallucinations commencent” (BAILLARGER, 1846, p. 443). Szafkowski classifica esse tipo de alucinação como sendo as *hallucinations physiologiques* que se manifestam, segundo ele, no estado da razão (1849, p. 60).

Em *A queda do solar de Usher*, Roderick Usher, ao receber seu amigo e narrador da história, explica-lhe que está adoentado, mostrando-se aterrorizado pela ideia do futuro e pelos acontecimentos que virão e supostamente resultarão na ideia de morrer. Ele ainda denomina o medo como um “fantasma lúgubre” (POE, 2001, p. 248). Roderick tem alucinações com a irmã que acabara de falecer de catalepsia, não apenas porque a imagem dela pressupõe a composição de um quadro pessoal de maldições, mas também porque a morte dela representa, de certa forma, a sua própria morte, na medida em que os irmãos são como projeção alucinatória um do outro, igualmente como *doppelgänger*.

Já em *A esfinge*, publicado no *Arthur’s Lady’s Magazine*, em 1846, o narrador-personagem, que vai passar uns dias com um parente no campo para fugir da epidemia de cólera que devastava a cidade de Nova York, é levado a ter alucinações causadas pelo receio do surto da doença. O narrador afirma ver um monstro pavoroso, que tinha uma caveira desenhada em seu peito, quando, na verdade, a imagem que ele via não passava de uma mosca presa à teia de uma aranha. A proximidade com a imagem e o pavor da doença e da morte provocavam-lhe surtos alucinatórios. Em ambas as narrativas acima mencionadas, o medo possibilita que Roderick e o narrador de *A esfinge* tenham alucinações justamente com aquilo que temem.

Por fim, entre os diversos processos alucinatórios presentes nas análises de Edgar Allan Poe, seja no campo do mundo sobrenatural, seja na esfera das doenças neurológicas, seja ainda no espaço das manifestações psicológicas, está o mesmerismo, mais conhecido como magnetismo animal, que era, no começo do séc. XIX, uma teoria

recente sobre os espasmos epiléticos ou transe sonambúlicos que tinham o poder de curar os pacientes. Poe parece ter se interessado profundamente pela matéria, pois escreveu pelo menos dois contos em que o tema era essencialmente o transe mesmeriano: *O caso do sr. Valdemar* e *Revelação mesmeriana*. A sugestão inicial, já aqui mencionada, fora introduzida pelo médico alemão Franz Anton Mesmer, em sua tese de doutorado *Da influência dos planetas sobre o corpo humano*, em que ele usou então, pela primeira vez, o conceito de fluido universal. Foi a teoria do fluido que permitiu explicar os fenômenos da lucidez sonambúlica, estado do sono em que a pessoa vê e descreve, com certo distanciamento, os organismos em seu interior, de forma a prever um tratamento adequado (FIGUEIREDO, 2017).

Formado em medicina pela Universidade de Viena e em teologia pela Universidade de Ingolstadt, Mesmer postulou, ainda no séc. XVIII, que todos os corpos possuem um fluido ultrafino, a partir do qual, conseguindo-se controlá-lo e transmiti-lo, seria possível fortalecer e superar obstáculos, restaurando a saúde, a harmonia e o equilíbrio do corpo, ou seja, seria possível curar os pacientes através do fluido universal que o magnetizador e o paciente são capazes de reter e transmitir através de seus corpos. Esse fluido corporal é composto pela influência mútua entre os corpos celestiais, a terra e os homens.

A técnica inicial utilizada por Mesmer consistia em correr com um ímã pelo corpo do paciente, ajudando o fluido universal do organismo a circular de maneira contínua. Ao deparar-se com um possível obstáculo interno, tanto o ímã quanto o fluido transmitido diretamente por ele ajudavam a desbloquear esse obstáculo, restaurando sua harmonia interna e eliminando a possível causa da doença. Durante esse processo, Mesmer fazia com que seus pacientes entrassem em transe, mantendo-se sonâmbulos e podendo inclusive ter desmaios e convulsões. Ele ainda fornecia a seus pacientes uma medicação que continha ingredientes como ferro, para ajudar na utilização dos ímãs em seu tratamento. O médico percebeu também que o contato direto de suas mãos com o corpo do paciente obtinha resultados para além da varinha de metal, da magnetização da água, das garrafas e até mesmo de árvores. Mesmo logrando resultados positivos e a surpreendente comprovação dos pacientes, Mesmer foi tido como charlatão, e sua teoria não foi aceita, sequer compreendida, o que o levou a Paris para revelar sua descoberta aos sábios e médicos (FIGUEIREDO, 2017).

Ainda que as autoridades e os sábios da medicina da época não reconhecessem sua teoria, Mesmer, mesmo na capital francesa, iniciou consultas para o processo de cura a seus pacientes em sua própria clínica. Os resultados obtidos em sessões com doentes franceses fizeram com que sua metodologia fosse sendo divulgada, repercutindo entre a comunidade científica de maneira positiva e aumentando a quantidade de pacientes. O atendimento logo se tornou coletivo. Para esse processo, era utilizada uma cuba, enchida com limalha de ferro e água mesmerizada, acondicionada em garrafas dispostas em um círculo. Esses objetos, que Mesmer aplicava nas áreas afetadas, juntamente com uma corda, serviam de transporte para o fluido entre os pacientes. A “corrente” formada pela união dos polegares e indicadores dos pacientes assemelhava-se a uma corrente elétrica entre os corpos. Era normal os pacientes passarem por convulsões em seu consultório, conhecido como “sala de crises”, espaço todo forrado com colchões, destinado aos doentes que tivessem ataques mais violentos. Aos indivíduos sem

condições para pagar consultas em seu consultório, Mesmer realizava tratamentos ao ar livre, em que geralmente mesmerizava árvores, para, em seguida, amarrar ali um grupo de indivíduos com cordas que não tivessem nó, pois isso criaria um obstáculo para a harmonia do fluido (DARNTON, 1988).

A teoria do magnetismo animal é hoje tida como uma excrescência da medicina, e também uma ciência negada a seu tempo, o que não fez, entretanto, com que a descoberta morresse. Outros médicos continuaram a utilizar os procedimentos e estudos de Mesmer, com o intuito de aperfeiçoar e curar pacientes. Sua teoria atravessou séculos, e mesmo hoje a doutrina do espiritismo segue sua teoria de que é possível aliviar dores e realizar curas através da imposição das mãos. Segundo Allan Kardec (*apud* Figueiredo, 2017, p. 129), “para o espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto”. Kardec foi um estudioso de Franz Mesmer e utilizou suas teorias para sistematizar a doutrina espírita. Ele mesmo admite que o espiritismo surgiu a partir dos ideais do magnetismo animal, e, sendo assim, não é possível falar de um sem o outro (FIGUEIREDO, 2017).

O caso do Sr. Valdemar, conto que Edgar Allan Poe publicou em 1845 no *The American Review: a Whig Journal*, é um exercício de conhecimentos de medicina mesmeriana. Trata-se da história de um mesmerista que coloca um paciente em estado de suspensão hipnótica no exato momento da morte do doente. Como foi publicado sem a informação de que se tratava de ficção, o conto, cujo título em inglês (*The facts on M. Valdemar's Case*) parecia remeter a fatos verídicos da medicina da época e foi compreendido como uma espécie de relato sobrenatural. Para ajudar o sr. Valdemar e livrá-lo do sofrimento e da agonia, o narrador decide usar a técnica mesmeriana antes de sua morte. Ao entrar em transe, o corpo respondia a todos os questionamentos do hipnotizador, mas, aos poucos, fatos estranhos foram acontecendo. A experiência durou quase sete meses, durante os quais o narrador e os médicos sempre verificavam as reações do paciente. Valdemar foi mantido vivo por ainda apresentar sinais vitais preservados, mas o tempo levou os médicos e o narrador a tirá-lo do estado hipnótico. Com essa decisão, o hipnotizado deu um grito súbito de desespero, e seu corpo se decompôs em minutos. Não há sequer um grau de plausibilidade médica nessa história, nem mesmo para a época, e Poe sabia disso, mas deleitou-se com a narrativa, por apresentar ao público curioso um episódio de mistificação dos mistérios da mente, a exemplo do que as irmãs Fox faziam três anos depois, alegando fenômenos paranormais supostamente em comunicação com o mundo do além.

Já no conto *Revelação mesmeriana*, que saiu no *Columbian Lady's and Gentleman's Magazine* em 1844, o narrador conta a história de Vankirk, um homem que sofria de tuberculose em estágio avançado. Seu tratamento fora feito com magnetismo para diminuir os sintomas e as dores. Durante a hipnose mesmeriana, Vankirk revela sua satisfação ao ser magnetizado e diz esperar a morte. Ao ser questionado sobre o pós-morte, o narrador percebe que o corpo do sr. Vankirk se encontra fraco, devendo ser acordado o quanto antes. Ao ser acordado, ele falece, tendo seu corpo comparado ao de quem teria morrido havia horas. Também se trata de um embuste científico, mas considerando que, em ambas as narrativas, Valdemar e Vankirk mantiveram-se vivos durante todo aquele tempo em função do mesmerismo, Poe conseguiu, por sua vez,

manter certa aura de cientificismo, ou pelo menos de misticismo, acerca dos mistérios da mente, ao agrado de um público que ansiava por narrativas dessa natureza.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No desenvolvimento de sua tese sobre as relações entre a literatura de Poe e o conhecimento científico de seu tempo (incluindo medicina, psicologia, frenologia, física, química, biologia, geologia e astronomia), Laverty aponta que “Poe was fascinated by the possibility of learning the great secrets of life which lie beyond the grave or of the life of the soul” (1951, p. 57). Mais que um ficcionista e um poeta, Poe mostrou-se também um apaixonado pela ciência, a despeito da visão ambígua que nutriu sobre o seu objeto de paixão. Afinal, em seu *Soneto – à ciência*, chama o conhecimento científico de “abutre” que rasga o coração do poeta (POE, 2001, p. 925), e numa de suas anotações marginais, observa que “a multiplicação dos livros em todos os ramos da ciência é um dos flagelos de nossa época. É mesmo um dos obstáculos mais sérios à aquisição de conhecimentos exatos” (idem, p. 990). É possível que, em momentos como esses, tenha sido tomado por certo ímpeto de natureza romântica, naquela esfera em que os românticos promoviam o elogio das emoções e do mistério em detrimento da razão.

Mas a relação de Poe com a ciência pode e deve ser vista com ambiguidade. Seu conhecimento atualizado de medicina e psicologia, adquirido na leitura de livros e revistas especializadas, como resenhista que foi, não significa que usou a ciência como forma de oferecer uma face mais inteligível da natureza e da psique humana. Talvez seja mesmo o contrário: foi como colocar a ciência diante do mistério, diante do indecifrável, como a desafiar os princípios que lhe sustentam as bases. Saber que o narrador de “Ligeia” viu-se em estado de alucinação pelo ópio diante da imagem da antiga amada morta que surgiu no corpo da esposa não significa que resumimos esse mistério a uma chave única e compreensível. Os narradores de Poe, que parecem por vezes espelhar aqui e ali os seus próprios estados alucinatórios (“by observing and analyzing his own mental activities”, diz uma de sua intérprete: LAVERTY, 1951, p. 44), fazem questão de evidenciar ao leitor que se encontram numa fronteira entre o mundo real e a esfera que se abre a outros mundos, os mundos sobrenaturais, os mundos da complexidade insondável da mente humana.

Quando, em 1848, as irmãs Fox, no interior dos Estados Unidos, investiram pesadamente na divulgação dos supostos mistérios que envolviam o casarão da família, por meio de batidas e estranhos barulhos anunciados por fantasmas, elas parecem ter intuído, quase como “marqueteiras” que foram, o *Zeitgeist* daquele contexto, o espírito de uma época que se abria fervorosamente aos mistérios da condição humana, que poderiam estar ocultos tanto nas manifestações embusteiras de fantasmas do além, quanto na descoberta da anestesia para procedimentos cirúrgicos, passando pelo universo terminológico gigantesco que se oferecia para a designação dos novos entendimentos da nossa condição psíquica. Edgar Allan Poe, em sua literatura, não quis que a ciência explicasse a vida; ao contrário, parece ter pretendido que ela se deslumbrasse diante do indecifrável.

REFERÊNCIAS

- ACKROYD, Peter. **Poe: a life cut short**. New York: Nan A. Talese, 2008.
- ARAÚJO, Ricardo. **Edgar Allan Poe: um homem em sua sombra**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- BAILLARGER, M. J. **Des hallucinations, des causes qui les produisent et des maladies qu'elles caractérisent**. Paris: Libraire de L'académie Royale De Médecine, 1846.
- BLOM, Jan Dirk. **A Dictionary of Hallucinations**. New York: Springer, 2010.
- BOISMONT, Brière de. **Des hallucinations, ou Histoire raisonnée des apparitions, des visions des songes, de l'extase du magnétisme et du somnambulisme**. 2. ed. Paris: Germer Baillière, Libraire-Éditeur, 1852.
- BONNET, Charles. **Essai analytique sur les faculté de l'âme**. Copenhagen: Frères Cl. & Ant. Thilibert, 1760.
- DARNTON, Robert. **O lado oculto da Revolução: Mesmer e o final do Iluminismo na França**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- DICKSON, Samuel Henry. **Essays on pathology and therapeutics being the substance of the course of lectures**. New York: Samuel S. & William Wood, 1845 (2 vols.).
- ESQUIROL, Alphonse. **Des maladies mentales, considérées sous les rapports médical, hygienique et médico-légal**. Paris: J.-B. Baillière, Libraire de L'académie Royale de Médecine, 1838 (2 tomos).
- FIGUEIREDO, Paulo Henrique de. **Mesmer: a ciência negada do magnetismo animal**. São Paulo: Maat, 2017.
- LAVERTY, Carroll Dee. **Science and Pseudo-Science in the Writings of Edgar Allan Poe. (Doctor of Philosophy)**. Durham: Duke University, 1951.
- LÖWY, Michel; SAYRE, Robert. **Romantismo e política**. Trad. Eloisa de Araújo Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- POE, Edgar Allan. **Ficção completa, poesia e ensaios**. Trad. Oscar Mendes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- RUSH, Benjamin. **Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind**. 5 ed. Philadelphia: Grigg and Elliot, 1835.

SACKS, Oliver. **A mente assombrada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SCHMIDT, Ivan. **Edgar Allan Poe**. São Paulo: Letras Contemporâneas, 1998.

SZAFKOWSKI, Louis-Rufin. **Recherches sur les hallucinations au point de vue de la psychologie, de l'histoire et de la médecine légale**. Paris: G. Baillière, 1849.

WEISBERG, Barbara. **Falando com os mortos**: as irmãs americanas e o surgimento do espiritismo. Trad. Luciana Persice. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

WOLF, Peter. Epilepsy and catalepsy in Anglo-American literature between romanticism and realism: Tennyson, Poe, Eliot and Collins, **Journal of the History of the Neurosciences**, v. 9, n. 3, p. 286-293, 2000.